Hugo Cezar Batista

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Contato
bcezar0112@gmail.com

Palavras chave:
Não humanos. Deficiência. Doença. Literatura. Capitalismo.

Keywords:
Nonhumans. Disability. Disease. Literature. Capitalism

"A SAÚDE É UM ESTADO INCERTO E NÃO PRESSAGIA NADA DE BOM": UMA ANÁLISE DA DOENÇA ENQUANTO NÃO HUMANIDADE

"Health is an uncertain state and bodes ill": an analysis of illness as nonhumanity

Resumo: A lógica capitalista de produtividade e individualismo impôsse fortemente sobre a concepção do que é ser humano. Desse modo, o caráter de humanidade configura-se como um mérito exclusivo daqueles em conformidade com o modelo hegemônico de existência. Porém, sob essa perspectiva, deixamos de fora uma enorme classe "desviante" incapaz de resignarse a esses padrões restritivos. Nesse sentido, o presente ensaio busca explorar essa condição de nãohumanidade forçada a pessoas com deficiência e que sofrem estigma por sua "doença", por meio de um diálogo com obras da literatura de ficção. A partir da análise desses não humanos, proponho que lancemos um olhar crítico ao mundo humano, às suas particularidades, exclusividades e contradições.

Abstract: *The capitalist logic of productivity and individualism has strongly imposed itself upon the conception of what it means to be human. Consequently, humanity is framed as a merit reserved exclusively for those who conform to the hegemonic model of existence. Yet, this perspective leaves out a vast "deviant" class individuals unable to resign themselves to such restrictive standards. In this light, this essay seeks to explore the condition of forced nonhumanity imposed on people with disabilities and those stigmatized for their "illness," engaging in a dialogue with works of fiction. Through an analysis of these nonhumans, I propose a critical examination of the human world its particularities, exclusionary practices, and contradictions.*

INTRODUÇÃO

Para o episteme do mundo ocidentalizado, a estruturação da linguagem, dos sentidos e das representações se dá a partir de dicotomias previamente estabelecidas. Nesse sentido, além de construído a partir das ausências dos não humanos que nos cercam (Ingold, 1995), o conceito de "pessoa" se dá por meio de, primeiramente, uma individualização e, em seguida, de uma diferenciação entre razão e corpo (Seeger; Matta; Castro, 1979). Enquanto a primeira dimensão deve ser estimulada e bem desenvolvida, para a segunda, basta atender ou abster-se das necessidades fisiológicas mais básicas. Assim, com a ascensão do capitalismo e a recente expansão neoliberal, o "ser humano" passa a ser engolido por formações discursivas que prezam pelo pragmatismo, independência excessiva e, acima de tudo, a produtividade.

Em *A vida não é útil* (2020), Ailton Krenak caracteriza a humanidade como uma casta exclusiva que devasta diversos mundos em benefício de seus interesses autocentrados. Quem não compõe a "panelinha" faz parte da subhumanidade e, por isso, é legitimamente passível de toda a destruição. Dessa forma, a concepção de não humano pode ser estendida para outros Homo sapiens, desde que seus modos de existência, corpos e territórios fujam das normas responsáveis pela manutenção da lógica capitalista. Com isso, se o critério para concessão da condição humana é a utilidade, quem estamos deliberadamente largando no caminho em direção ao "progresso"?

A partir dessa interpretação de Krenak (2020), com o presente ensaio, busco desenvolver uma reflexão sobre a posição de não humanidade forçada às pessoas com deficiência, neurodivergentes e àqueles estigmatizados por suas "doenças". A fim de articular a discussão, pretendo lançar um olhar etnográfico sobre histórias de ficção, uma vez que a literatura revela fenômenos dos mundos e da subjetividade de seus escritores. Dessa maneira, as fronteiras que separam a arte

literária da etnografia são tênues, dado que ambas utilizam o "real" e o "imaginário" como recursos na construção de narrativas sobre sujeitos e suas respectivas realidades (Strappazzon, 2010). Assim, segundo Costa, Oliveira e Tolomei (2023), a principal aproximação entre antropologia e a literatura é a linguagem usada tanto por antropólogos quanto por literatos na significação e tradução do universo existente e, a partir disso, na criação das suas ficções.

O critério de seleção das obras-campo foi o conceito de Homem do Subterrâneo, originado de *Notas do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski (2008), que inspirou escritores e filósofos nas décadas seguintes e contribuirá para esta análise. Com isso, os meus principais interlocutores serão o narrador-personagem não identificado de *Notas do Subsolo* (2008), Gregor Samsa de *A Metamorfose* (2020) de Franz Kafka e, por fim, a velha sem nome de *Sobre os Ossos dos Mortos* (2019), escrito por Olga Tokarczuk. Essas pessoas do subterrâneo são consideradas não=-humanas no sentido de que, apesar de estarem inseridas no mundo ocidental, são vistas pelos olhos humanos como doentes e desviantes.

Justamente por operar através de contraposições, é possível, a partir da sub-humanidade, compreender a constituição da realidade humana, bem como de suas particularidades e contradições (Houdart, p. 18, 2015). Assim, os relatos dos participantes de pesquisa, colocados sob perspectivas de outros não humanos, questionam a humanidade e a modernidade para além da ficção.

Este ensaio está dividido em mais quatro seções. Em "O subsolo", apresentarei a obra de Dostoiévski (2008), relacionando-a ao processo formativo da noção ocidental de pessoa, bem como aos espaços que a acolhem, mas que também adoecem os não humanos. Na seção seguinte, "O exoesqueleto", trago os relatos de Gregor Samsa sobre a sua enfermidade, o isolamento e as violações sofridas pelo mundo humano, do qual um dia fez parte. Em "*O Poço*", as obras de Tokarczuk (2019), Latour (1994), Haraway (2010, 2016) e Tsing (2022) nos auxiliam a pensar sobre a humanidade e sobre suas formações discursivas que oprimem não humanos. Por fim, na seção final, abordarei minhas últimas considerações.

O SUBSOLO

> Sou um homem doente... Sou mau. (Dostoiévski, 2008, p.7)

Com seu número pequeno de páginas, Notas do Subsolo, de Dostoiévski (2008), consagrou-se como um dos grandes clássicos da literatura russa. A obra trata-se de um monólogo de um narrador de caráter questionável que não se nomeia, pois não deseja ser lido. De seu subterrâneo, este homem doente representa as regressões de nós mesmos, de todos os fragmentos do self[1] que omitimos em razão das pressões externas. Nesse sentido, o subsolo não é um lugar físico, mas sim a consciência na qual expressamos a subjetividade que não podemos revelar e que adoece.

> Asseguro-lhes que ter uma consciência exagerada é uma doença, verdadeira e completa doença. (Dostoiévski, 2008, p.9)

Porém, em vez de ser causado por confinarse no subsolo, o tormento do narrador é consequência das contradições que sua mente percebe em seu próprio caráter e no mundo externo. Dada a sua consciência exagerada, o protagonista não se encaixa com naturalidade entre os que são saudáveis, de modo que se força em espaços a que não deseja pertencer e diminui outros em maior vulnerabilidade. Não há tentativas de eufemizar suas falhas; o Homem do Subterrâneo não é o herói do seu discurso e sabe bem que seu lugar é no subsolo.

Gostaria de ir além da definição de subsolo como consciência, emprestando mais uma vez as visões de outros não humanos. Dentre as múltiplas dicotomias que a modernidade tanto aprecia, para os povos originários, destaca-se pela sua incoerência a distinção de corpo e mente na formação de pessoas (Seeger; Matta; Castro, 1979). Sob essa perspectiva, a "normalidade", termo que surge com a consolidação da ideologia e do poder da classe burguesa dominante, estrutura todos os aspectos da vida contemporânea e, por isso, produz a anormalidade deficitária ou doente (Davis, 2017). Por conseguinte, a hegemonia do normal é determinante para a prática médica e o próprio significado de saúde (Grinker apud Price, 2024):

> Como escreve o antropólogo psiquiátrico Roy Richard Grinker em seu livro titular: Nobody's Normal (Ninguém é normal), a nossa definição atual de saúde mental está ligada ao desejo do Estado e dos empregadores por uma con-formidade produtiva e inofensiva (Price, 2024, p. 222).

Dados seus padrões normativos, no mundo ocidentalizado não se projetam espaços, instituições e regras com o objetivo de incluir e acomodar também corpos-territórios divergentes; muito pelo contrário: suas funções têm por fim colonizar, controlar, adoecer e excluir (Alves, 2019). Por essa razão, para integrar-se entre os "normais" dominantes, faz-se necessário: moldar, manipular ou esconder o subsolo, de modo que performar a aptidão corporal definida e camuflar marcadores de diferença são elementos centrais do status quo (Magnabosco; Souza, 2019, p. 6).

1. Aqui, refiro-me ao conceito de Goffman (1959) de self, a apresentação do "eu" que surge a partir da interação social. Neste sentido, estes fragmentos da identidade apresentada são reprimidos justamente em razão da sua interação com os outros e seu meio.

Vale ressaltar que a manipulação ou preservação do corpo-território não é, de forma alguma, uma aceitação passiva e alienada das imposições da humanidade. O subsolo é um mecanismo de defesa contra tais opressões e, no contexto de capitalismo agressivo, sobreviver é o maior dos atos de resistência.

O EXOESQUELETO

> Em uma manhã, Gregor Samsa, um caixeiro viajante, acordou metamorfoseado em um inseto monstruoso. Ele se atrasou para o trabalho (Kafka, 2020).

Com A Metamorfose (2020), Franz Kafka leva ao extremo a simbologia da sub-humanidade com a transformação do protagonista, a qual, apesar de não o chocar, causa profunda repulsa aos seus pares. Na família, Samsa é o único provedor de renda, responsável pelas despesas domésticas e pela quitação das dívidas dos pais, bem como pelos estudos da irmã mais nova. O trabalho exige viagens constantes e cansativas que o afastam de qualquer possibilidade de relações afetivas significativas.

> Isso se tornou um costume tanto para a família quanto para Gregor: aceitava-se o dinheiro com gratidão, ele o entregava com prazer, mas disso não resultava mais nenhum entusiasmo. (Kafka, 2020, p. 69)

A metamorfose de Gregor Samsa é bastante conhecida. O arco do personagem motiva análises e interpretações diversas; no entanto, segundo o próprio autor, faz-se necessário destacar que esta não é uma história sobre um inseto. Para Gregor, o trabalho era uma prioridade maior do que a conversão inesperada em um artrópode gigantesco, o que não seria um empecilho tão relevante se pudesse ao menos comparecer ao compromisso marcado.

Mesmo tentando se levantar da cama e voltar ao mundo dos humanos, o transtorno de Gregor é grave, visível e impossível de manipular. Ao longo da narrativa, em sua condição de doença, o corpo-território de Samsa é constantemente perturbado, primeiramente por sua família e em seguida por seu chefe, esses que exigem explicações por ter faltado ao trabalho. Os primeiros invasores são motivados pela manutenção de um estilo de vida que depende financeiramente de Samsa, enquanto o segundo simboliza o Capital, que, a qualquer custo, multiplica-se e concentra-se (Castro; Leão, 2020). Sendo incapaz de existir segundo os padrões hegemônicos, o protagonista logo se vê quase totalmente isolado. A única forma de contato que permanece é a invasão:

> Por um instante, tudo ficou em silêncio. Não vão abrir, disse Gregor a si mesmo, atendo-se a alguma esperança insana. (Kafka, 2020, p.39)

As pressões familiares e do sistema produtivo, que provocam o tormento de Gregor, são anteriores a sua condição de artrópode, dessa forma, fica evidente ao leitor que, em vez da causa de seu sofrimento, sua doença é resultado dele. Neste aspecto, a Teoria Crip é útil para a reflexão por abordar como corpos e deficiências são materializados em seus respectivos contextos culturais e históricos (McRuer, 2006). A partir dessa abordagem, os modelos de desempenho de corpo e mente possuem caráter corretivo e punitivo, que afetam, em proporção semelhante, todos os humanos cujos corpos são tão passíveis de adoecimento e alterização quanto os de não humanos mais vulneráveis (Kafer, 2013 apud Magnabosco; Souza, 2019).

O fim de Gregor é uma solidão triste e forçada pelos pais, que se ressentem dele por sua incapacidade de continuar no emprego, obrigando-o a regressar ao mercado de trabalho e abdicar de certos luxos. No entanto, Samsa não foi completamente derrotado por suas circunstâncias: apesar da violação contínua, metamorfosear-se em inseto levou-o a contestar sua antiga vida e a sociedade de que um dia fez parte. Nesse cenário, o corpo não humano, composto por um exoesqueleto duro de queratina, e o isolamento em seu subsolo passam a ser resistência contra as violações do modo de existência capitalista. Por isso, conserva-se o subsolo, seja por meio da performance em direção a um ideal normativo, ou ainda pela recusa deste.

O POÇO

> Realmente eram pessoas que viviam num poço – caíram nele há muito tempo e agora ajeitavam a vida em seu fundo, pensando que o poço era o mundo inteiro. (Tokarczuk, 2019, p. 46)

Em Sobre os Ossos dos Mortos (2019), Olga Tokarczuk desenvolve a trama de uma mulher idosa, que, por ser adepta ao veganismo, possui uma profunda relação com a fauna de uma região remota da Polônia onde a caça é incentivada e assegurada pelo governo local. Quando uma série de terríveis assassinatos começa a assolar a cidade, a personagem é ignorada pelas autoridades ao afirmar que os animais, em busca de vingança, eram responsáveis pelas mortes. A história narrada em primeira pessoa acompanha a trajetória da mulher em seus encontros com humanos e não humanos que a cercam, e faz com que o leitor se questione a cada página: quem tem o direito de matar e quem tem o dever de morrer?

Não só pelos estigmas, descrevo a velha como doente. Ao contrário dos demais interlocutores, que expressavam sua condição subterrânea por meio de metáforas, a protagonista possui de fato múltiplas enfermidades que também lhe causam angústia:

> Às vezes tenho a impressão de que não sou constituída de nada além de sintomas da doença – sou um fantasma feito de dor (Tokarczuk, 2019, p. 55).

Há meses a interlocutora relata que seus olhos lacrimejavam constantemente, porém isso permitia que enxergasse melhor que qualquer um na região. Sob essas lentes, revelava-se que o ostracismo sofrido estava ligado às relações de opressão dos humanos sobre os animais e Homo sapiens desajustados. No entanto, a todo momento, a protagonista apropria-se das contradições da humanidade e as questiona, sempre imaginando realidades alternativas nas quais seus companheiros são mais do que apenas vítimas de um sistema repressivo. À existência humana é atribuído o símbolo do poço, no qual todos caíram e sujeitaram-se à queda:

> Às vezes tenho a impressão de que vivemos num grande túmulo, com espaço para muita gente. [...] A prisão não está lá fora, mas dentro de cada um de nós. Talvez não consigamos viver sem ela (Tokarczuk, 2019, p. 31).

Enquanto o subsolo é o lugar de indagação para os doentes, o poço é o da aceitação dos pa radoxos constituintes do modo de vida humano e moderno.

Segundo Latour (1994), a modernidade se dá com o nascimento da humanidade, da não humanidade e de um deus suprimido. Da tentativa de separar e contrapor essas três dimensões opostas e, aparentemente, incompatíveis, tem-se como consequência híbridos, cuja proliferação e negação denunciam que jamais fomos de fato modernos. Nesse contexto, pessoas com deficiência e doenças podem ser compreendidas como híbridas, uma vez que as abordagens teóricas disputam conceitualmente o significado da diferença e do modo como deveríamos agir sobre ela. De uma perspectiva estritamente biomédica, a divergência de corpos e mentes dos padrões normais é sempre vista como déficit ou patologia originada e, portanto, sendo responsabilidade do indivíduo. Nesse sentido, o modelo médico – ou individual – promove exclusivamente intervenções localizadas na correção do paciente, negligenciando os efeitos da estrutura social e atribuindo um status de inferioridade à variação humana da "normalidade" (Magnabosco; Souza, 2019).

Em contrapartida, segundo o modelo social da deficiência, os prejuízos e sofrimentos enfrentados por pessoas com deficiência não são causados pela deficiência em si, mas pela própria sociedade que não se adapta à diversidade humana. Apesar de sua relevância para os estudos sobre a diferença, é justamente por concentrar-se em contrapor-se ao modelo individualista que essa teoria acaba deixando de lado um elemento fundamental na compreensão do fenômeno da deficiência: o corpo. Com isso, a Teoria Cripdo inglês "aleijado" – aparece com o objetivo de romper com as oposições binárias tão fundamentais para operacionalização do pensamento ocidentalizado. Dessa forma, trata-se de uma alternativa para a compreensão da materialização do corpo e da deficiência em cada contexto social e cultural, tendo em vista também seu caráter disruptivo contra a ordem hegemônica normativa (McRuer, 2006) – elemento que vemos representado na personagem velha de Tokarczuk (2019).

Porém, ainda muito imersa no individualismo e pragmatismo, na disputa "isso é ou não humano?", o "isso" encontra-se isolado num limbo de contradições enquanto a ciência, a medicina e o convívio social buscam argumentos e formas de lidar com ele.

Ademais, dado o avanço das histórias de destruição do capitalismo, adoecer corpos torna-se um mercado lucrativo e bastante amplo. Tomando de exemplo uma das interpretações sobre a situação de Samsa, sua profissão e isolamento levaram-no a um burnout, isto é, um estado de fadiga severa. Essa condição pode ser diagnos-ticada e tratada com terapias e medicamentos, porém, se as condições do ambiente – a causa – não são alteradas, os sintomas perduram. Assim, o sistema capitalista explora os trabalhadores, que, cada vez mais exaustos, são rotulados como doentes, porém, ao mesmo tempo, repudiam esses híbridos com discursos banhados em ideais de produtividade.

A proliferação de híbridos "deficientes" é resultado da universalização da precariedade como condição determinante do capitaloceno, definido por histórias de destruição que todos experienciam, entretanto, as produzem em proporções distintas (Haraway, 2016; Tsing, 2022). Além da devastação, o momento que vivemos é de separação: uma das bases do capitalismo é a desestabilização de qualquer forma de comunidade entre os seres humanos e não humanos. Desse modo, a valorização do individualismo e de uma independência solitária têm seus efeitos sobre a medicina: nossa concepção de saúde vê relações de cuidado interdependentes como um fardo para o cuidador que inevitavelmente não contaria com nenhuma forma de reciprocidade ou de apoio. No entanto,

> Como Gregory Bateson coloca, a unidade fundamental da sobrevivência é o organismo-em-seu-ambiente. A vida não pode surgir e ser sustentada de forma isolada. [...] A rela-

> cionalidade multiespécies atenta aos registros temporais e semióticos evidencia um mundo animado em que o ser é sempre tornar-se, em que tornar-se é sempre um tornar-se-com (Van Dooren; Kirksey; Münster, 2016).

Por isso, o modo de existência capitalista é incompatível com a própria vida, uma vez que não é possível um ser-em-isolamento ou humano-em-isolamento. A categoria "humano" moderna, útil e solitária é, em sua essência, paradoxal, sendo estabelecida unicamente para a diferenciação, exclusão e destruição de seres não humanos.

SAINDO DO POÇO

> Às vezes eu acho que apenas os doentes são de fato sãos (Tokarczuk, 2019, p. 69).

Quando se é o alvo de uma destruição proJetada, ganhar consciência da posição da hierarquia em que se foi rebaixado é questão de sobrevivência. Para quem está no submundo, a retomada do território é continuar resistindo ao sofrimento que é empurrado em sua direção (Krenak, 2020b). Dessa maneira, "Apropriar-se do pesadelo, portanto, não é ceder a ele como se fosse tudo o que existe, mas um jeito de tirar daquilo que aquilo não tem que existir." (Haraway, 2010, p. 14).

Nesse sentido, além de proteger Gregor das invasões físicas, o exoesqueleto possibilitou a percepção das dicotomias e dos sofrimentos do mundo dos humanos. Em contrapartida, o narra-dor-personagem de Dostoiévski (2008), mesmo tendo a mesma percepção de Samsa, fez de seu subsolo um pessimismo amargo, que considero tão perigoso quanto a alienação, uma vez que não visa a saída do poço, isto é, a construção de um novo mundo.

> É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo (Tenório, 2020, p. 50).

Com esse trecho da obra de Jeferson Tenório, O *Avesso da Pele* (2020), aproximo-me da conclusão deste ensaio. Na narrativa, um filho em luto reconstrói a vida de seu falecido pai através das memórias, afetos e ausências, tendo sempre em perspectiva os preconceitos de raça e violações que atravessavam seus corpos. Interpreto o avesso mencionado como o subsolo de Dostoiévski (2008) por representar aquilo que não pode ser revelado: onde os dolentes encontram sua proteção e sua resposta à humanidade.

O pessimismo perigoso do narrador-personagem russo é uma forma de alienação que nos mantém no fundo do poço, talvez por não sabermos viver sem ele ou por nos esquecermos de que podemos ser mais do que apenas vítimas.

Sob outra perspectiva, no entanto, preservar e articular bem o avesso doente, composto por consciências exacerbadas e exoesqueletos duros, é um dos passos em direção a um mundo não exclusivo aos humanos. Por isso, se a modernidade capitalocênica se sente tão ameaçada por não humanos no subsolo, é porque ela de fato está.

Concluo parafraseando a fala do indígena antropólogo Gersem Baniwa (2024) em uma conferência da Reunião Brasileira de Antropologia em julho de 2024. Dada sua incompatibilidade com o mundo capitalista, a descolonização não é possível; de modo semelhante, a promoção de intervenções individuais enquanto somos todos afetados pelo capitaloceno não eliminará um so-frimento estrutural. O que pode ser feito é o que Gersem (2024) afirma ser uma tomada simples de decisão: proteger e celebrar o que não foi tocado pela colonização, pelas histórias de des-truição e separação. Aqui, a retomada de terri-tório é, como caracterizado pela protagonista de Tokarczuk (2019), o combate a esse estado de incertezas que é a saúde, a qual não pressagia nada de bom.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lidiane da Conceição. **Reivindicando o território epistêmico: mulheres negras, indígenas e quilombolas interpelando a antropologia.** Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v.6, n. 16, 2019.

GERSEM BANIWA – **Conferência 34a RBA**. Belo Horizonte, TV ABA, 25 jul. 2024. 1 vídeo (93 min). Publicado pelo canal TV ABA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-v-F-KrjG9Jhs&list=WL&index=3&t=1030s. Acesso em: 9 ago. 2024.

CASTRO, Alexandre de Carvalho; LEÃO, Luís Henrique da Costa. **A metamorfose e o campo da saúde mental de trabalhadores: uma análise bakthiniana**. Ciência & Saúde Coletiva, [s.l.] v. 25, n.9, p. 3615–3624, 28 ago. 2020.

COSTA, Maria do Socorro Nascimento da; OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **Antropologia e literatura: aproximações e distanciamentos entre o etnógrafo e o literato**. Papéis: Revista do Programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens – UFMS, Campo Grande (MS), v. 25, n. 50, p. 30-45, 2023.

DAVIS, Lennard. **Introduction**: Disability, Normality, and Power.

DAVIS, Lennard. In: **The Disability Studies Reader**. New York: Routledge, 5th ed., 2017.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo.** L&PM Editores, 2008.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. Garden City: Doubleday, Anchor Books, 1959.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. Climacom – Vulnerabilidade, Campinas, ano 3, n. 5, 2016.

HARAWAY, Donna; GANE, Nicolas. **Se nós nunca fomos humanos, o que fazer? Entrevista como Donna Haraway.** Ponto Urbe, São Paulo, v. 6, p. 1-22, 2010.

HOUDART, Sophie. **Humanos e Não Humanos na Antropologia**. Ilha: revista de Antropologia, [s.l.], v. 17, n. 2, p.13–29, ago./dez. 2015.

INGOLD, Tim. **Humanidade e Animalidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, [s.l.], n. 28, p. 39-53, 1995.